edições calderaro
grandes vidas - 1

ANDRÉ VIDAL DE ARAÚJO

Um Capítulo da Vida de Francisco Pedro d'Araújo Filho

Ao querido Mario Ypiranga,
com a grande admiração do
Mauro Mota

ANDRÊ VIDAL DE ARAÚJO

Um Capítulo da Vida de Francisco Pedro d'Araújo Filho

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

AmM
0217

O centenário de nascimento de Francisco Pedro de ARAUJO FILHO teve o poder de revelar a eternidade de um luzimento intelectual que marcou profundamente a sua época. E mais do que a sua época, pois o fulgor de sua inteligência se colocou além do tempo. A individualidade, o humanismo de ARAUJO FILHO, são aqui repassados nestas páginas. O seu universo, a sua sintese de intelectual, de jurista, helenista, latinista e filósofo, têm aspectos estelares.

ARAUJO FILHO tornou-se uma legenda nos meios intelectuais.

Grande JURISTA, brilhante FILÓSOFO, HELENISTA e LATINISTA.

O centenário de seu nascimento dá ao Amazonas a lembrança da legenda que seu nome forjou.

"VIR OPTIMUS ET IURIS PERITISSIMUS"

ARAUJO FILHO

Ao ingressar no mundo espiritual-filosófico de Araújo Filho, neste quase insondável, onde se horam, em cultos apolíneos e dionisíacos, vultos imortais do pensamento humano; ao penetrar nessa eterna festa mística, onde se celebram as alegrias das grandezas do espírito, nas luzes dessas Termopilas da inteligência, — nos E'leusis eternos, nos santuários de Asclépios, — prostro-me de joelhos, em dolorosa genuflexão e subo, nessa beatitude, à contemplação extraordinária, — de um morto, cujo centenário hoje decorre, um dos grandes iniciados nos mistérios da inteligência.

A morte, mistério profundo, que na frase de um poeta antigo é — "monstrum, horrendum, ingens, cui lumen ademptum" — terrível habitante das fragas inhospitas do sentimentalismo humano, cujas profundezas deram o Hadés dos gregos e o Plutão dos romanos, — a morte, essa infatigável sombra que ronda o mundo da vida, fatídica, abutre mitológico, insaciável, usurpou-nos cedo, arrebatou-nos/arrancou-nos, o ente querido, prematuramente, o expoente super-hómano de bondade, uma forte e fecunda inteligência, cujo centenário comemoramos hoje.

Ainda tenho a impressão de um aniquilamento. E dentro do meu ser rodopia, alucinante, a idéia de uma tragédia onde a dor e o soluço, as sombras e certas visões provoam-me o ambiente de meus silêncios, de visões, de saudades profundas daquela família onde me criei, com minha mãe, meu pai, meus irmãos, avós, tias, agregados que falam como nossos fraternos.

Francisco Pedro de Araújo Filho tem hoje cem anos de nascido. E nós, aqui, uns gregos em espírito, nesta terra, vimos, a esta hora, como os helênicos da inteligência antiga, cantar as nossas odes píticas como Píndaro, o príncipe dos nove poetas líricos da antiga A'tica, como o chamou Quintiliano, — cantou aos seus heróis e aos seus santos. Estamos hoje, portanto, celebrando uma festa sagrada, — a nossa festa de — juno, — e como atenienses, ergamos ao espírito de Araújo Filho também a nossa chama ardente, que não será destruída nunca, como nunca o foi a de Pindaro.

Como o poeta do povo de Cinoscéfalas, cantemos, neste jôgo sagrado da inteligência, nesta Pítona do espírito, — Maravilhosa Delfos do monte Parnaso, — o nosso herói como moralista e filósofo, e, como prêmio sua memória robusta, façamos como os áticos, deponhamos também uma palma, uma corôa ou um laurel em honra do grande espírito daquêle morto, na comemoração de seu primeiro centenário.

E êste culto feito de maneira à antiga, em tôrno do fogo sagrado de sua memória, o transformará em um ser sublime, como Plutarco o fêz com os seus varões ilustres, nas suas "Vidas Paralelas", transformando homens como Solon, em Deuses e Heróis.

"Os mortos se transformam em seres sagrados" porque dos que foram bons, santos ou felizes, na Terra se poderá dizer o que disse Eurípides falando de Alcestes:

"Celle-ci est maintenant une divinité bienheureuse".

Com a minha crença filial no espírito de meu pai, canto êste hino em exaltação à sua grande individualidade. E os símbolos dessa minha religião, dessa perene veneração imortal, sobrenumana, tem de certo, suas raízes no culto pelos ancestrais mortos, — ancestrais que sempre viveram no espírito dos grandes povos e dos homens religiosos.

Na figura de meu pai, dois tipos extraordinários ressaltavam em forte e alto relêvo: — o do herói e do filósofo. O do herói, confundia-se com o do triunfador de sempre que nele refulgia, no homem pobre que passou pela vida, humildemente, como o lendário bíblico que transparece na silhueta missérima de um Job ou dos homens simples que enchem as páginas do sub-mundo dos injustiçados.

O do filósofo ressurgia de uma síntese de vida pensamental, consubstanciada nas doutrinas de Pitágoras, de Heráclito, de Sócrates, de Platão, Marco Aurélio, Cícero, Seneca, Epicteto, São Tomaz de Aquino, Santo Agostinho, Vico e Pascal, além de muitos pensadores gregos, romanos, alemães, franceses, italianos e ingleses que foram suas leituras de cabeceira.

Dessa harmonia que êle poude realizar, e na qual viveu em alta intimidade, o filósofo, — sacerdote do direito, — no alto de seu imenso humanismo, poude edificar uma vida que é um símbolo daqueles grandes pensadores, e alçar o seu vôo, feito a pino, para as regiões altaneiras do seu pensamento fulgurante.

Sua individualidade projetou-se mais em dois grandes mundos, ambos antigos, o grego e o romano. E dentro dêsse ambiente formidável, o seu espírito irradiou cintilações estelares de um alto idealismo. Irradiou fachos de luz, de fulgor estonteantes, do ponto espiritualista-filosófico em que êle, no mundo, se colocou, culminou e pontificou. Realizou, para mim, uma grande obra, talvez desconhecida de muitos, para os quais os seus primeiros traços de edificação, sejam êste esbôço da história de sua filosofia.

Na realidade brutal da vida, os homens morrem como um crepúsculo que se afoga em luz, mas, crepúsculo cujas sombras escurecem, pouco a pouco, o brilho daquela agonia de sangue. Araújo Filho lembra qualquer cousa dêsse quadro

maravilhoso da natureza: sua vida foi como uma toalha de sangue vivo, de rubra luz crepuscular. No conjunto dêsse festão trágico e irradiante, o artista que o não souber apanhar, guardar, observar, reter, perde u'a maravilha que nunca mais surgirá com as mesmas formas, com os mesmos caprichos de manchas, cintilações.

Deixou de apanhar um aspecto da beleza e do trágico dos cosmos que nos cercam.

A intelectualidade de Araújo Filho tem aspectos de uma dessas tardes crepusculares do Amazonas. Sua obra retalhada, são pedaços de luz do crepúsculo imenso que foi sua vida de agonias e de incompreensões. Nos seus trabalhos que andam por aí esparsos, quase que perdidos, encontram-se tôdas as facetas do seu espírito polimorfo e polimático para usar uma expressão do grande Péricles Moraes: — o escritor, o sociólogo, o historiador, o filósofo, o orador, o jornalista, o jurisconsulto, o humorista, o advogado.

Refulge alcandorado, nesta hora de seu centenário, o vulto tranquilo do filósofo, do jurista extraordinário, envolto no turbilhão de luz que se levanta de seu sepulcro.

O homem-ação, o homem-idolo das masas populares, nos grandes dias genesíacos da Pátria, sempre sucedeu ao homem-pensador, ao Araújo Filho filósofo, jurista, latinista, helenista, humanista.

A idéia multiforme de sua filosofia tem uma das suas fontes capitais "na simbólica doutrina Pythagórica". Do solar espírito reformador-religioso de Pitágoras, — o aristocrático filósofo de Crotona, — foi que o nosso morto, como um rio dágua cristalina, puríssima, desceu tranquilamente a montanha da vida, cultivando, através dos mistérios órficos, da filosofia grega do imortal pensador de Samos os apotegmas do "Versos Aures", do "Discurso Sagrado" (Ieros Logos).

Essa ascendência do espírito pitagórico sôbre o espírito daquêle que, hoje festejamos, nós a sentimos, basta folhearmos sua obra escrita.. Na oração fúnebre que produziu quando da morte do caudilho-heroi que se chamou Pinheiro Machado, — denominava êle ao corpo de doutrina dos ensinamentos de Pitágoras — a manifestação mais pura da substância da sabedoria dos antigos. Nesse elogio mortuário, fala, vibra quase que imperceptível a moral do poema de ouro, que é o catecismo prático dos preceitos de Pitágoras, cuja redação elegante, foi atribuída ao mestre Cebes, o refugiado de Tebas, aquêle Filolaos do canon musical das esferas planetárias e dos sistemas celestes,

O sábio samiota que é filho espiritual da cultura egípcia e indiana, deixa antever no seu sistema filosófico um panteismo suave, como bem nos dão notícia Jâmblico e Clemente de Alexandria. O teismo idealista do filho de Mnesarco sofrendo multiplas influências, modificando-se em

novas tendências, vamos encontrá-lo na obra intelectual, filosófica e jurídica de Araújo Filho

"O túmulo... (disse Araújo Filho um dia, numa sessão cívica realizada no Teatro Amazonas) é a última e estreita faixa do planeta em cuja sombria profundeza, mergulham no supremo mistério os sonhos e as aspirações, as dores e as alegrias, transmudando para a vida pantetisca a existência contingente e transitória do ser humano!..."

O universo para Araújo Filho é um múltiplo num uno que existe por si, como efeito de uma só causa que é Deus. De dentro deste conceito absoluto, bebido e inspirado no gênio enciclopédico de Pitágoras, êle irradiou e poude penetrar em tôdas as cousas universais com a mesma intensidade da luz que penetra a profundeza dos abismos, a eternidade da sabedoria.

Quase tôdas as virtudes capitais da vida pitagórica, com as suas ordens e mistérios, a figura de sua ética, aquela moral inquebrantável, em que durante tôda sua vida assentou nos sólidos princípios de superioridade de espírito, êle olhou a vida, as cousas e os homens.

E a influência que Araújo Filho recebera de Pitágoras era fatal irreversível, inevitável, porque o nosso suave filósofo, sendo o extraordinário latinista por todos até hoje considerado e reconhecido, — viveu no conchego meditativo de todos os clássicos gregos e latinos, e dentre êsses sua

predileção, além de Virgílio, Cícero, Lucrécio. era Heródito, Homero, Plutarco, Epicteto, Séneca, Demóstenes, Platão, Aristóteles, Petrônio e Ovídio, especialmente a Ovídio, cuja obra capital, "As Metamorfoses", não deixou um só instante, como as "Confissões" de Santo Agostinho, seus únicos companheiros de viagem ao Pará, quando ali fôra buscar melhores horas para as noras amargas dos seus últimos dias.

"As Metamorfoses" de Publius Ovidius Naso, foram sempre para êle um dos seus poucos livros de cabeceira. E dentro da riqueza pensamental das 'Metamorfoses', onde o gênio brilhante canta em madrigais soberbos, das maravilhas do cáos até as cruezas das guerras de Júlio Cesar, — encontramos o pitagorismo do lendário neróí da ilha de Samos.

Foi Ovídio, o poeta latino dos "Heroides" dos "Fastos" de "Les Amours", com o seu grande entusiasmo por Pitágoras quem encheu a alma de Araújo Filho do pitagorismo que a tirania de Policrates não consentiu que se desenvolvesse em Samos, para permitir que brotasse em Crotona.

Além do poeta das "Metamorfoses", a sua grande cultura latina propulsionava o seu lucido espírito para a colossal energia do espiritual enciclopédico dos gregos.

Êle mesmo o diz nestes têrmos, com referência à formação do espírito latino, em sua tese inacabada sôbre história de latim: —

"Ao dealbar do gênio latino, começaram os seus homens sentir irresistível atração pela cultura superior e notabilíssima dos gregos, que por aquelas íam atingindo as primeiras gradações de sua estupenda cultura".

"Subjugado ou atraído já pela superioridade da cultura e do gênio universalista e, mesmo humanista dela, ou talvez pelas resultantes de uma origem comum, relegada para traz muitos séculos, os oradores, escritores, e poetas, só se julgavam aptos para a vida política ou forense (e ambas eram visceralmente inseparáveis) quando faziam longo estádio em terras da Grécia, ouviam os seus sábios e filósofos, seus poetas e moralistas".

Dada a sua cultura latina, Araújo Filho não podia deixar de ser um filósofo. Se Cicero foi um dos seus grandes mestres, como podia Araújo Filho deixar de amar os grande Gregos, como Pitágoras, desde que foi aquêle pensador romano quem introduziu a mentalidade da Grécia na mentalidade romana, e se foi Cicero quem primeiro aplicou aquela filosofia ao direito que já estava consubstanciado no gênio do romano?

A obra de Araújo Filho foi agitada por ideal filosófico que êle deixou transparecer, enriquecido e aformoseado pelos esplendores de sua cultura greco-latina.

Como Cícero, Epicteto e Séneca de Córdova, êle teve uma escola de estoicismo: suportou durante a vida, resignadamente, todos os males,

com a grandeza de alma de um virtuoso, de um justo, de um santo. Soube suportar pacientemente e suportou como o escravo de Epafrodita. liberto das misérias de Nero, pregando, em Roma, filosofia pelas ruas, esperando impassível que o imperador Domiciano o tangesse das portas da cidade eterna.

Da sabedoria de Heráclito, êle aprendeu a ser original, e vigoroso em dizer cousas verdadeiras. Através de Schleiermacher, viveu tempos no solitarismo da filosofia do pensador de Éfeso. Sempre me falou de sua GNOMEN, palavra grega, que só depois, eu pude compreender a que se referia.

O fim da sabedoria, dizia-me êle um dia é o homem se iniciar nos mistérios de GNOMEN. Queria dizer: para um ser eterno e imutável é que temos de seguir, dentro das perpétuas transmutações do infinito e do finito. Como Scot Erigene. êle sempre terminava dizendo, nas suas palestras comigo: "Deus est omne quod vere est". A sua GNOMEN não significava — **mente,** tradução etmológica do grego que se pode fazer daquele vocábulo, que Araújo Filho pronunciava tão reverentemente. Palavra que para êle tinha uma especial significação no seu modo de ver, de pensar, de encarar o mundo. Neste ponto, sua concepção filosófica, dá-nos traços de um meio panteismo-idealista. Creio mesmo que antes de haver emitido conceitos sôbre Deus e o Mundo, desenvolvesse raciocínios sôbre o grande principio da filosofia cartesiana, firmado por Descartes nos

seus "Príncipes Phylosophiques": Res quae ita existit, ut nulla alia re indigeat ad existendeum

Para êle, — GNOMEN, o Deus, é o Ser que encerra, em harmonia perfeita, a unidade absoluta. Nele se estabelece a harmonia dos contrários. A vida e a morte, o espaço e o tempo, o bem e o mal, a luz e as trevas, o belo e o horrivel, o santo e o pecador. Assim compreendia Araújo Filho a idéia de Deus. Todos os conflitos humanos e pensamentais, superiores e inferiores, causais ou fenomenais, se harmonizavam no conceito metafísico da sua idéia de GNOMEN, a qual é bem heracliteana.

Tal princípio, liga-se, também, através da idéia que êle tem do Direito Civil, da doutrina da **"creatio ex nihilo"** dos grandes teólogos da Igreja, porque para êle, fora de Deus, do seu Gnomen, nada existe visto como o próprio mundo veio de Deus e volta para Deus. A GNOMEN formou de sua essência o universo, que, no fundo, tem muito de si mesmo, do seu substrato divino, de sua potencialidade intrínseca, suprema e imutável. Deus como Bem Absoluto, se manifesta mais altamente, acentuadamente da alma humana, porque esta age sôbre a matéria densa, ou melhor, como bem observou Pascal, não influi sôbre a vontade livre do homem.

Como se extrema o pensamento de Araújo Filho nesse ponto, com o de Santo Agostinho! . . .

Precisamos esclarecer agora que Araújo Filho não confunde Deus, — a GNOMEN, — com o Universo. Êle sempre diferenciou a pureza e a verdade dos dois conceitos. A tendência de seu pensamento foi para glorificar a Deus e não para sublimisar o mundo. Porisso é que êle viveu mais próximo de um São Francisco de Assim, de São Vicente de Paula e de uma Santa Teresa de Jesus, — na última fase de sua vida, — do que de um Epicuro, de um Voltaire de um Nietsche ou de um Haeckel.

O homem e a sua ciência são ignorantes: é a Douta ignorância como se diz. E esta ignorância explica a Deus: a **explicatio Dei** de Nicolau de Cusa.

Com êsses pontos de vista e com êsses princípios, Araújo Filho foi um dos raros Pritanos do Amazonas. Lutou pelo bem da comunidade, sempre contra a violência e injustiça dos homens. Nessa parte, sua figura moral é tão grande que bem poderíamos dizer que a beleza de seu espírito se confunde, não raro com a de Sócrates imortal.

Era, em si, um profundo instinto o fazer o bem, o estar sempre com o povo. Sua constituição moral a isso o impelia. Sempre soube esquecer e perdoar e perdoava de maneira esbanjosa, por uma significação interior de seu espírito, de sua conformação moral. Aprendeu isso, naturalmente dos grandes poetas e filósofos ,os que trabalharam na conformação de seu lastro subcons-

ciente, naquele mistério tenebroso do inconsciente de que nos fala Yung. O homem, nessa parte, toca no idealismo luminoso dos bons e dos apóstolos do bem, cuja alvorada perene e constante êsses Mestres deixaram impressa, fulgurantemente, nos Evangelhos inconfundíveis das pregações que se tornaram fontes eternas de raríssimas belezas.

Araújo Filho pontificou, em união perfeita, com o sentido infinito da sua Gnomen, em cuja chama ardente viveu apostolando o aforismo délfico da sabedoria socrática: "conhece-te a ti mesmo", apoftegma moralístico que êle integralisou em si, por profunda reflexão interior, vencendo enormes lutas espirituais, no composto de seu todo, na vida em que viveu, sentindo a profunda verdade humanista daquela sábia máxima de Sócrates.

Em conceitos gerais a essência de sua ética culmina na Bondade, essa virtude que o grego chamara — ARETÊ. O clarão dessa chama ardente que iluminou sempre o seu espírito, por onde quer que andasse, e mergulhasse as profundezas da vida, teve larga vivência no seu natural e extraordinário altruismo.

Entrou na plena vivência dêsse viver na estrada do bem, pelos pórticos de ouro da alta concepção do **tuismo** humano. Integralizou-se na vida pelo Bem, porque o mal só fêz a si mesmo e isso decorrente de certa displicência. Em chama intensa se lhe manteve o coração que foi sempre

iluminado pela mesma luz da idéia do Bem que fulgurou no seu super-ego e que ardeu inspiradamente em tôdas suas ações, em defesa dos pobres e dos oprimidos. Tal qual como em Platão, — para Araújo Filho, — de tôdas as idéias, aquela que sôbre as outras se sobrepunha, era a idéia do Bem. Nêle a mais perfeita sabedoria estava no se fazer o Bem. Tôda a vida humana tem o seu ponto mais elevado, mais luminoso, mais cristalino, no culto do supremo Bem. Por essa vereda, o espírito de Araújo Filho ingressava na filosofia de Platão, vitalisando-se da seiva, dos ornamentos místicos e das sonoridades perfeitas da filosofia de Platão. Houve até uma época, na sua vida que os seus maiores livros foram as "**Leis**" do discípulo de Sócrates. Êsse livro sempre o fascinou e quando o lia, afirmava: "é o maior monumento que já se escreveu em grego, o maior que o gênio humano escreveu". Foi essa obra que o fêz pensar na educação, e dar-lhe inclinações pedagógicas pelo pensamento de Pestalozzi no "**Como Gertrudes ensina a seu filho**". Êsse livro causou-lhe impressão tão grande, que, ao nascer-lhe o quarto filho registrou-o com o nome da protogonista daquele livro: Gestrudes. Em Goiana, o seu admirável "Instituto Goyanense" obedeceu a uma orientação tôda popular, inspirada na pedagogia de Pestalozzi A Platão, portanto, deveu êle se ter orientado na ciência de educar.

Foi Platão quem o levou ao conhecimento do gênio de Pestalozzi, de Rousseau. O pensamento metafísico do grande filósofo grego arras-

tou-o ao proselitismo das doutrinas do pedagogo de Zurich.

Não compreendia a educação senão ao serviço da formação do caráter, e ela, compreendia nesse sentido, realiza a harmonia que deve existir entre o homem e a GNOMEN. O que prevalece no Universo é a harmonia, e em face dessa lei, deve o homem realizar sua união com o Todo, que é bem, na filosofia de Araújo Filho, — Deus ou a GNOMEN.

Como é perfeito o pensamento dêsse homem! como êle conseguiu relacionar Pitágoras, Heráclito, Sócrates, Platão, Cícero, Epicteto, Séneca, Santo Agostinho, Pestalozzi!...

E dessas individualidades, meia antagônicas, irradiava a luz de seu mundo interior e erguia suas construções pinaculares, na iluminação maravilhosa de sua respeitável inteligência.

Humanista dos maiores, (o notável Adriano Jorge o cognominou de "grande, surpreendente, maravilhoso Professor de Bondade") — Araújo Filho não podia deixar de ser um professor de Bondade desde que os seus maiores poetas foram Homero, Virgílio, Dante, Petrarca. A linguística também muito contribuiu para essa tendência pelo que é humano, — humanismo bebido em fontes gregas, alimentado pelas torrentes da sabedoria latina, culminou, nele, pela fôrça telúrica da mentalidade de Vico, de Dante, de Virgílio, Horácio, Plutarco, Platão que foram para Araújo

Filho, — os maiores reservatórios de energias espirituais e de refúgio constante. A exuberância dinâmica do seu filosofismo, culminou no pensamento do homem da "Scientia Nuova". Mas só um Vico e outros é que poderiam alimentar o espírito de Araújo Filho, dentre aqueles filósofos que fulguram na sabedoria que se convencionou chamar de filosofia clássica e moderna.

Se quase que as mesmas predileções literárias e filosóficas de Vico e daqueles outros pensadores, teve Araújo Filho, — só podemos admitir que Araújo Filho fôsse discípulo espiritual dos gênios referidos. Os mesmos gregos e os mesmos latinos foram lidos. Cite-se que Araújo Filho fêz a Poesia do Direito, esboçou a **Poesia do Caráter,** como Vico a "sabedoria poética", nessa cousa profunda que êle designou com o nome de **"Scientia Nuova":** a metafísica poética, a lógica poética, a moral poética, a política poética, a física poética, a fisiologia poética, a cosmografia poética, a astronomia poética, a cronologia poética e a geografia poética.

Se bem que o pensamento de homens como Vico, foi fazer uma espécie de enciclopédia dos povos bárbaros, como disse Janeli,na sua **"Delle cose humane",** mas através dessa sabedoria antiga, condensada na ciência nova, os filósofos extravasam sua admiração pelos **sábios** antigos, que cantaram na poesia a metafísica, a lógica, a moral, a política, a física, a fisiologia, a cosmografia, a astronomia, a cronologia e a geografia.

Apesar do protesto veemente que encerra o sistema de Vico, contra a sabedoria do passado, — Araújo Filho é, nesse ponto, uma espécie assim de discípulo dissidente. Vico, apesar de ser, pelo espírito, filho do passado, ergue-se contra êsse passado eloquente, enquanto que Araújo Filho, viveu do passado e vive do gênio da grande Grécia e da imortal Roma.

O discípulo se harmoniza com o mestre em outro campo: no ponto de vista filosófico, filológico — as duas grandes disciplinas, além do Direito, da História que sempre preocuparam a Araújo Filho. Sua dedicação pelo grego e pelo latim, foi mais no fundo, por uma questão filológica do que por outro qualquer motivo que se queira encarar essa feição especial do caráter daquele homem. Compreendeu êle que filologia e filosofia eram as duas alavancas com que havia de revolver os problemas de tôdas as culturas, para melhor pensar e construir a sua individualidade bizarra e criadora, genial, boemia como a de Sócrates.

"As línguas são as chaves do templo do conhecimento": dizia êle "E não se poude pensar nos monumentos de grandes raças, senão na própria língua das raças", adiantava.

Compreendeu cedo, que a linguagem, como dizia Dauzat, é o instrumento do pensamento, o apanágio dos homens, como disseram Waitney, e outros glotólogos notáveis.

Filosofia e glotologia, — querem dizer, o pensamento e a linguagem, nas suas mais altas concepções, — agitaram sempre a alma de Araújo Filho. O fenômeno da palavra, a maior criação estupenda que nos deu o trabalho milenário do subconsciente das primeiras raças, — no seu enígma originário, — arrastou o discípulo de Martins Junior para profundas meditações filosóficas. A enigmática ciência de Max Muller preocupou, por demais, aquêle espírito. Nos seus originais do volume inédito — **"Origens e formação do Idioma Latino"**, vemos o desenvolvimento dos fenômenos periódicos da linguagem, desde o período histórico, em que perpassam os documentos antigos dos arquivos do passado, até o pré-histórico em que os germens primitivos desaparecem e se perdem na noite densa do pretérito.

Herder, com a sua teoria onomatopaica; Bunsen e Muller com o princípio da intervenção divina, para uma explicação razoável da origem da linguagem, — Hevelacque com o seu naturalismo, Bopp com o seu princípio da aglutinação, gerando flexões — o jurista pernambucano apanha todos os aspectos do fenômeno glotológico nesse trabalho com que ía defender tese, na cátedra de latim, no antigo Ginásio D. Pedro II, desta Cidade.

O platonismo de Vico é o platonismo de Araújo Filho. Tanto um como o outro, viam nas linguas a alma dos povos. Latinistas ambos; profundos conhecedores da história romana eram

êles. Sentiram a unidade das línguas; viram um elemento espiritual comum a tôdas elas ; ambos jurisconsultos; trazendo trechos latinos e greoos de memória; teistas; paupérrimos; marginados; viveram sempre no obscurantismo, morrendo ambos na mais dolorosa probreza.

A vida de um, é, mais ou menos, a cópia da vida do outro. Ardem, nos ocasos de suas mortes, os mesmos bruxoleios de dores e agonias. Crucificados foram em fundas cavernas de pungentíssima pobreza. Não tivesse Araújo Filho aquêle fundamento moral que o animou e o alentou sempre na vida, tornando a sua silhueta, às vêzes, com traços de herói, — certo teria sossobrado nos últimos instantes, naqueles últimos dias, em que se lhe turbilhionou a vida em angustias, ingratidões.

Mas não quebrou, graças a Deus, mesmo nas grandes dores dos seus derradeiros momentos, — a sabedoria interior com que soube atravessar a vida tão escura de necessidades, porém, de cujas obscuridades, surgiam as fulgurantes claridades que rompiam dos seus alcandôres e rasgavam as alturas dos infinitos dos céus.

A luz da lâmpada do vexilário do humanismo regional ardia sempre mais intensamente e descia de Pitágoras e Heráclito, de Sócrates e Platão, através de Marco Aurélio e Cícero, Séneca e Epicteto, São Tomaz, Santo Agostinho e Vico para mergulhar no gênio francês de Pascal; e sonhar, e ser nostálgico... ter saudades de uma

pátria azul, que fica muito além do espaço onde as estrelas e as constelações se agitam e giram na ronda cósmica das parábolas planetárias.

Em Descartes, Montaigne e Pascal aprendeu êle o amor à liberdade, o ceticismo com que viveu suas horas de dúvidas, imerso nos problemas teóricos do conhecimento, do Direito, da da História da Filosofia, procurando, no mundo corpóreo cousas e no universo sutil do espírito, uma harmonia para o contraditório da natureza humana, no sentido de que solucionasse o enigma da existência e das finalidades Humanas. Aqui nesse, aspecto, dentro do muito que escreveu, sente-se bem a influência do pensamento de Santo Agostinho sôbre o pensamento de Araújo Filho. Seu sentido moral-religioso bem indica essa tendência. Não sei se foi daí que veio a ligação de Araújo Filho com a mentalidade do cartesianismo místico de Pascal, o qual muito tem da religiosidade da nova Patrística do grande mestre de retórica que foi o imortal bispo de Tagarsa, o filho imortal de Mônica.

Pensou muito sob o signo de "As Cartas a um Provençal" e dos "Pensamento". Filosofou com os padrões lógicos e morais que se traçou, para erigir o exemplo extraordinário de sua vida. Filiava-se ao espiritualismo que nasceu de Pitágoras, Sócrates e Platão. Daí sua filosofia se assenta em quatro virtudes máximas: amor, tolerância, equidade e justiça. O valor absoluto de seu tipo superior, como homem, residia na essência dos fatores morais dessas virtudes, as

quais o tornaram sempre liberto da contingência da exaltação de periférica sensibilidade nervosa.

Teve êle sempre fé na inteligência humana, nessa mesma inteligência que o conduzira à concepção de seu **GNOMEN**, de Deus Inteligência e Deus: dois princípios que formam uma vida perfeita. O **GNOMEN** dá a vida, no sentido biológico, e a inteligência iluminada pela luz emanada do próprio **GNOMEN.** Edifica a Vida, estabelecendo entre o HOMEM e o UNIVERSO uma certa harmonia, da qual resulta, pelo exercício da vontade inteligente, o Homem enveredar pelo caminho do bem, do caráter, que o **GNOMEN** traçou para o Homem viver sua vida Humana.

Esta filosofia espiritualística, tão simples, fundada na intuição natural, deu a Araújo Filho uma grande fôrça interior para resistir e lutar contra a corrupção, a desonestidade, o mal. a injustiça.

O seu pensamento parte daí, para a idealização da filosofia, da intuição; pois, esta é, para êle, uma espécie de método que o guiou nas suas locubrações metafísicas, do qual dizia êle, é o próprio fundamento do conhecimento em geral. Porém essa intuição, não é como em Bergson. uma concepção que se opõe ao intelectual. A intuição, em Araújo Filho, é um elemento ativo de investigação que origina o verdadeiro conhecimento intelectual. A intuição é uma espécie de base sensível do conhecimento. Daí é que parte tudo e todo o saber. A inteligência então

orienta o homem no caminho da virtude até alcançar o GNOMEN, até alcançar DEUS em sua absoluta plenitude.

Compreendeu Araújo Filho que o espiritualismo que forma a atmosfera da Religião Cristã é a filosofia verdadeira que conforta e que justifica a razão de ser a Vida. Por isso êle sempre repeliu o materialismo científico e filosófico. Em face disso sempre dizia: "Há uma **"Substância"** fundamental em tudo, que é una no GNOMEN, em DEUS, e múltipla dos homens e nas cousas".

No direito, na moral, na filosofia, orientava-o um ideal poético superior, poético no sentido mais elevado dêsse têrmo.

O que Lucrécio foi para a filosofia, êle tentou ser para o caráter: um poeta, na mais nobre acepção do vocábulo.

Teria sido isso a influência do seu grande mestre pernambucano, aquêle admirável Martins Junior, — o poeta da filosofia e da Ciência, entre nós?

Apesar da profunda influência que Martins Junior exerceu sôbre a mentalidade de Araújo, êste, entretanto, deve ser considerado ainda um discípulo dissidente do autor da "Poesia Científica". Martins foi setário do filosofismo positivista de Augusto Comte, apesar dêle se considerar **positivista independente** como independente o foi Roberty dêsse mesmo sistema contista. O au-

tor da "História do Direito Nacional" preferiu sempre Littré a Laffitte, e Wirouboff a Robinet. Foi relativista, como se vê, isto é positivista antimetafísico. A epistemologia de Kant, influiu no espírito de Martins Junior e o submeteu à doutrina comtista. Araújo Filho, era espiritualista-cristão, e não foi nunca partidário do sistema de Comte, apesar de o admirar naquilo que era ciência e que se relacionou aquilo que o autor da "Philosoprie Positive" chamava de obdiência à ordem hierárquica da sabedoria. Dentro do positivismo de Martins Junior, no campo da filosofia dêsse, é aquêle o ponto de mais forte contato, por onde as duas personalidades se tocavam, fatalmente. Não sei se Martins admitiu o respeito à hierarquia, à autoridade, tal qual como o entendia Comte na "Politique Positive". Mas, seja como fôr, por aí, Araújo Filho, no campo das cogitações filosóficas, ía ligarse um tanto a Martins Junior. Apesar do dissídio das idéias filosóficas que ambos abraçavam, êles tinham contatos em muitos pontos se aproximavam.

Martins Junior e Thomas Buckle foram as duas individualidades que levaram Araújo Filho a conhecer o positivismo de Comte, sendo que o autor da "História da Civilização na Inglaterra" com a sua teoria das leis naturais aplicadas à história, foi aquêle que mais levou o espírito de Araújo Filho a ler Comte.

Araújo Filho, apesar de discípulo de Martins Junior, nunca foi com o seu mestre, um positivista. Nem podia sê-lo. Bastava a influência que Thomas Carlyle exerceu sôbre o meu pai, para

que êste sempre estivesse afastado do comtismo. Carlyle era idealista da escola de Goethe e descendia, em linha reta, do idealismo alemão. O "Sartor Resartus", grito de alarma contra o positivismo histórico de Buckle e "L'heros", com o seu individualismo, — ambas obras proféticas, — profundamente religiosas, detiveram, prenderam sempre a Araújo Filho dentro do seu grande espiritualismo cristão.

Martins Junior foi comtista independente, influenciado por Littré e Wirouboff, e muito ligado a Spencer e Haeckel. Alguém o poderá considerar como materialista. Mas, os grandes materialistas teóricos, têm sido grandes idealistas práticos. A mentalidade de Martins Junior deve ser colocada nesta lista, dentro da lei esboçada por Albert Lange, na sua memorável "História do Materialismo". O mundo ideológico de Martins é também, fundo, um grande idealismo filosófico. Disto se verifica uma outra razão de ordem intelectual em que se juntam o mestre Martins e o discípulo Araújo Filho.

Nem o evolucionismo spenceriano, nem o transformismo darwinista, nem o monismo haeckeliano, nem o realismo científico materialista, nenhuma destas correntes filosóficas teve a fôrça de evitar que a consciência de Martins Junior ingressasse no verdadeiro e real idealismo filosófico de quase todos os grandes pensadores

Por isso Martins Junior e Araújo Filho viveram quase das mesmas inquietações e desesperanças filosóficas que iluminaram a vida de seus

grandes mestres. Triunfaram nos mesmos sofrimentos e mergulharam nas mesmas dores, nos mesmos sacrifícios inauditos em que frutesceram e sazonaram a sabedoria de Pitágoras, de Heráclito, de Sócrates, de Platão, de Marco Aurélio e Epicteto, de São Tomaz de Aquino e Santo Agostinho, de Vico e Pascal.

Tôdas as dúvidas que inquietam um cérebro equilibrado, abalaram a serenidade da solução que êles procuraram dar aos problemas filosóficos que formularam, para que pudessem partir de certos e determinados postulados e assim emergir, de desesperação em desesperação, tentando galgar, com hehroismo, a montanha que sonharam, a grande montanha de luz da Perfeição, em cuja base giraram, angustiosamente, tecendo ciclos de ansias, por sabê-la inacessível, ingalgável, dadas as fraquezas naturais de suas ânsias. A predisposição do surto êles tiveram, dentro do estado precário das condições humanas que agrilhoavam seus espíritos iluminados pela miséria do Homem, — Homem que se quer tornar Homem Humano, o qual bem se poderia comparar ao abutre do mito de Prometeu a devorar, no simbolismo esqueliano do interior humano, cobardemente, a grandeza do divino que o homem tem e msi, grandeza do Divino que é bem, essa tendência para as realizações do Bem, do Belo, do Justo.

Na vida ambos, Martins e meu pai, se separam cêdo: um para o isolamento doloroso da morte, o outro para a peregrinação sombria de

uma existência amarga e plena de desilusões, no Amazonas. Quando Araújo Filho ansiava por consolidar o seu pensamento de filósofo, a morte o surpreendeu numa doce madrugada. E' triste .. Faz recordar-me uma parábola de Guyau: — certa gota de orvalho passara tôda a noite ansiando ver o sol, e quando desponta a madrugada ela, ante o assombro da luz solar, treme, oscila, rola, seca e morre. Que símbolo formidável para a vida de um homem como Araújo Filho. Êle que foi todo ânsia pela Verdade, que foi fôrça suprema de singular dinamismo, a investigar através da contemplação de um apostolado vivo pelo Bem, morreu dentro de sua fé, dentro de sua humildade, transfigurando dentro de sua calma e do seu heroismo, as excelsas virtudes que sublimaram sua consciência, sua intelectualidade e seu coração,

Aquela gota de orvalho do pensador francês, é o homem no seu ideal eterno; o sol, é a verdade despida de tôdas as ilusões humanas. O sol é como um príncipe. E' Serapis, como o consideravam os sacerdotes chipriotas. Deus eminente que a todos avantaja, como dissera Juliano, — o apóstata, — nos seus panegiricos e orações, êle é, no simbolismo mistico, o chefe do principado dos inteligentes. E como Jamblico, Araújo Filho sempre dizia: o sol é a cuspide da sabedoria. Foi assim que Araújo Filho também foi "amante de tôdas as claridades, de tôdas as cousas luminosas" (Disc. para Heliodoro Balbi).

Viveu sua vida no bálsamo de uma transfiguração, aureolada de heroismo e de consoladora beleza espiritual. Até na morte foi grande, tranquilo e superior. Esperou madrugar para que a morte o acolhesse à tremenda verdade da insignificância dos homens, naquela madrugada fria de desilusões, de desesperos em que, pela última vez, beijei-lhe as mãos tão boas, que foram na minha vida os arautos que me apontaram o caminho da luz, o caminho da eternidade que êle me apontou.

O sol que ao alvorecer, naquela manhã, iluminou tão plàcidamente aquêle rosto magro, acaveirado como de um São Francisco de Assis, êle que foi um sacerdote-príncipe da Luz Superior, também teceu-lhe uma corôa excelsa. Todos o sabemos. Muitos foram testemunhas: no infinito do céu, um cirrus desabrochou-se em grande flor de lotus, naquela tarde tristíssima em que os seus despojos desceram à tumba, onde repousam seus ossos. Foi a última apoteose que o nosso Príncipe alcançara...

.....

Na história simbólica das religiões orientais o fenômeno se explica dentro do misticismo dos grandes espíritos — que a humanidade tem tido. Dizem os orientalistas que tal lotus de luz é o sinal e a segurança daquele que foi Bom e pregou o Bem, em constante evangelização de amor, de pobreza, de humildade.

E assim, em luz, Araújo Filho reverberou, dentro do crepúsculo da própria morte, na transfiguração daquele símbolo celeste que pairava nos céus: uma espécie de lotus que se deluia no infinito azul.

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA